

SESSÕES DO PLENÁRIO

10ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 07 de abril de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADO MARCELINO GALO (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):-Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão.

Convido, para compor a Mesa o Sr. Proponente da sessão, deputado Marcelino Galo; a Sra. Diretora da Escola de Dança, Dulce Aquino, representando o reitor da Universidade Federal da Bahia, João Carlos Salles; Sra. Assessora de Cultura e Arte, Isa Maria Faria Trigo, representando o reitor da Uneb, professor José Bites; Sr. Diretor Geral do IRDEB, Flávio Gonçalves; Sr. Diretor do Balé do Teatro Castro Alves, Antrifo Sanches; Sra. Chefe de Gabinete da Fundação Gregório de Mattos, Silvia Maria Russo de Oliveira, representando o presidente Fernando Guerreiro; Sra. Fundadora da Escola de Dança da Funceb, Lia Robatto; Sra. Diretora da Escola de Dança da Funceb, Virgínia Rodrigues; Sra. Representante do Fórum das Artes, Nirlyn Seijas; Sra. Coreógrafa da Escola de Dança da Ufba, Leda Ornellas; Sra. Fernanda Tourinho, diretora da Funceb. (Palmas)

Neste momento, ouviremos o Hino Nacional.

(Execução do Hino nacional.)

Assistiremos, agora, a um vídeo.

(Apresentação de vídeo.)

O Sr. MARCELINO GALO:- Queria, mais uma vez, dar boas-vindas a todos vocês.

O mestre de cerimônias falou que a sessão iniciar-se-ia agora, mas, na verdade, esta sessão já se iniciou desde ontem. Foi um dia longo com partes belíssimas, várias apresentações da escola pública. De forma que esta é a sessão especial mais longa da Assembleia Legislativa. O que nós vamos iniciar agora é a parte discursiva. A expressão corporal nós já vimos e foi muito bonita.

Então queria dar boas-vindas a todos vocês, a todas as dançarinas e dançarinos, às professoras e professores, pais e mães que estiveram aqui, artistas, enfim, a todos vocês.

Quero saudar a nossa Mesa que é de forma esmagadora composta por mulheres, (palmas) a minha companheira Dulce Aquino, que aqui representa o reitor da Universidade Federal da Bahia, João Carlos; Isa Maria Farias, representante do reitor da Uneb. Também saudar e apresentar para vocês Flávio Gonçalves, um homem que é da dança, comprometido com a questão da cultura, assumiu o Irdeb na Bahia e está à disposição de todos os grupos para estabelecer parcerias para discutirmos o novo momento dessa relação do sistema público de comunicação com os grupos culturais do nosso Estado.

Quero saudar Antrifo Sanches, que é diretor do balé do Teatro Castro Alves; Sílvia Maria Russo de Oliveira, representando o presidente Fernando Guerreiro; Sr^a Lia Robatto, fundadora da Escola de Dança da Funceb; Sr^a Fernanda Tourinho, diretora da Funceb; Virgínia Rocha, diretora da Escola de Dança da Funceb; Sr^a Leda Ornellas, coreógrafa da Escola de Dança da UFBA; Sr^a Nirlyn Seijas e a todos vocês.

Hoje, estamos realizando nossa 4^a edição. Na verdade, já virou uma tradição nesta Casa. Vocês não sabem o quanto a realização desta sessão demonstra a luta e a determinação de vocês para fazer acontecer a cultura e a dança todos os dias. Porque o esforço para fazer esta sessão foi descomunal. E queria fazer uma saudação especial a Beth Wagner, porque sem ela seria impossível a realização deste evento. Essa mulher determinada, corajosa, graças a ela conseguimos realizar esta sessão. Esta 4^a edição que aconteceu durante toda esta semana, com certeza, contou com o papel fundamental de nossa querida Beth.

No dia 20 de maio, estaremos entregando a ela o Título de Cidadã Baiana, aprovado por esta Casa. Ela que é carioca da gema, agora o povo da Bahia vai adotá-la formalmente, principalmente pelos serviços prestados a esta terra na cultura, na política, na questão ambiental. É um evento que vocês precisam estar presentes, em homenagem a uma pessoa que é tão importante para o nosso Estado.

Então, agora estamos nesta parte mais discursiva, e nem sempre os discursos aqui são tão verdadeiros. Na verdade, vivemos uma crise, que ali vocês colocaram muito bem, do sistema representativo brasileiro, do sistema político que se afastou da sociedade brasileira. Vimos na dança, no que estava escrito nos seus corpos e entendemos a gravidade e complexidade deste momento. Mas, neste momento, não podemos vacilar, não há nenhum tipo de dúvida que precisamos defender a democracia deste país, porque a democracia é fundamental para essas manifestações. No tempo da ditadura, para fazermos qualquer manifestação cultural tinha que mandar um roteirozinho, para recitar uma poesia tinha que mandar previamente para que alguém consentisse que nos manifestássemos. Então, a forma como vocês se manifestaram aqui é fundamental. Isso é sagrado para o povo brasileiro.(Palmas)

Hoje, aqui, a memória se constrói a todo tempo e momento, tanto a todo tempo e a sua relação com o espaço quanto em relação a um determinado ponto a que chamamos momento, esse momento.

(Lê) “Hoje, aqui nesta Casa Legislativa, neste momento, o parlamento baiano faz um gesto de reconhecimento, gratidão e homenagem pela passagem dos 60 da

Escola de Dança da UFBA. Ao mesmo tempo, a Assembleia Legislativa da Bahia também abre, aqui, um espaço de interlocução, participação e debate a respeito das políticas públicas da Dança.

É preciso lembrar, mirando o passado com olhos de quem busca lições, de onde viemos. A quem fez parte dessa história, e aqui há dezenas destes; a maioria de vocês não cabe nesta ocasião o direito a modéstia. Daí a importância de dizer: há setenta anos, graças a incontável determinação de um homem e a inteligência de diversas gerações, fomos capazes de realizar algo da magnitude da Escola de Dança da UFBA. Então, a UFBA tem 70 anos e a escola de Dança tem 60 anos, isso graças a determinação de um homem chamado Edgar Santos, somando -se a vários outros.

A Bahia, nas décadas de 40 e 50, deu um salto do ponto de vista de sua formação superior que só veio a ser repetido nos anos 2000 com a criação de universidades federais em seu território.

Essa epopeia tem como herói, personagem central do poema, um médico, professor da Faculdade de Medicina e diretor do Hospital do Pronto-Socorro de Salvador.

Edgar Santos foi, na Bahia desta época, o espírito do tempo.

Nele, a razão tomou forma de ousadia. Em verdade, graças ao Reitor Edgar Santos, não somos capazes, setenta anos depois, de imaginar a Bahia sem a Universidade Federal da Bahia, que divide com a Escola de Dança da Bahia e o Balé do Teatro Castro Alves aniversários emblemáticos em 2016: 35 anos do Balé do TCA, 60 anos da Escola de Dança da UFBA e 70 anos da UFBA.

Portanto, nunca é demais reafirmar, o Reitor Edgar Santos captou a alma de sua quadra histórica.

Não bastou a ele unir as diversas faculdades e criar a Universidade Federal da Bahia em 1946. Ele a pensou de fato universal e ousou criar as Escolas de Arte, desenvolvendo para sempre a dança, a música e o teatro baiano.

Portanto, foi em 1956 que o Reitor Edgar Santos fundou a Escola de Dança da Universidade da Bahia.”

Deputada Fabíola Mansur, quero registrar aqui a sua presença e convidá-la para a Mesa para presidir neste momento em que estou falando.

(Lê) “Esta escola, completa neste ano seus 60 anos de existência tendo sido pioneira no País, e vem aperfeiçoando vários profissionais homens e mulheres desde a década de 50, nas áreas de Licenciatura e Bacharelado, bem como na pós-graduação.

Durante todo este tempo, esta Escola é responsável pela formação de profissionais que atuam em todo o Brasil e por décadas ela se manteve como única no Brasil a formar profissionais graduados em Dança.

Nesta homenagem, neste culto à dança, parece-nos oportuno lembrar mais uma vez as lições do bailarino Ted Shawn, um dos pioneiros da dança moderna, que certa

feita afirmou que ‘a dança é a única arte na qual nós mesmos somos o material de que ela é feita’.

A Bahia, com grandes mestres da dança e inquestionável vocação para esta arte, deve fazer valer os esforços de pioneiros como Edgar Santos para manter seus corpos permanentes e suas companhias de dança, a exemplo do Balé do Teatro Castro Alves, que, por tudo o que significa, merece um tratamento compatível com a sua importância na cena cultural baiana. (Palmas)

Aos 35 anos de vida, o Balé do Teatro Castro Alves é um marco da nossa cultura contemporânea e a companhia de dança oficial da Bahia.

Ele, portanto, é parte significativa do nosso patrimônio cultural e, por isso mesmo, precisa ser respeitado como tal. (Palmas)

Mas atualmente vive uma das maiores crises da sua história, com cortes orçamentários que põem em risco a continuidade de suas atividades. Então, aproveito aqui a oportunidade para rogar à sociedade baiana e à comunidade da dança que juntos nos unamos para defendê-lo e apoiá-lo.

De tal forma que é preciso dizer a plenos pulmões: Viva o que é nosso! Viva o Balé do TCA!

É preciso que todas e todos nós, que temos a compreensão de que a cultura é um direito humano fundamental, lutemos juntos pela ampliação do orçamento da cultura. Os artistas não podem se limitar a lutar por suas linguagens culturais somente, nem tampouco restringir suas articulações para a aprovação de seus projetos individuais ou a captação de recursos pontuais. A classe artística precisa se organizar de modo a ocupar os espaços de poder para incluir na Constituição uma percentagem mínima de investimento dos orçamentos para a cultura.

Por isso, acredito que temos de mobilizar a sociedade baiana para que garantamos um mínimo de 1,5% do Orçamento do Estado da Bahia para ser destinado à cultura.” (Palmas)

Hoje isto representa 0,7%. Então, num Estado que é emblemático e cujo povo produz a cultura de forma tão fecunda, logo temos de atualizar historicamente essas estruturas no sentido de garantir recursos e espaços públicos. Realmente é preciso garanti-los para ofertarmos ao nosso povo a possibilidade de dançar, tocar um instrumento, ter a participação mais fundamental do ser humano: a de se integrar, se relacionar. E a cultura é estratégica para construir a paz, a democracia. (Palmas)

Então, é isto que precisamos compreender: sem a ampliação do orçamento da cultura a nossa sociedade continuará brutalizada, a nossa sociedade perderá. E como há neste momento uma ameaça do fundamentalismo e do retrocesso cultural, a qual vai além do sistema político, ela passa de forma perigosa a se enraizar na sociedade brasileira quando se transforma em perigo o andar de vermelho nas ruas ou uma criança usar bicicleta vermelha ou ainda - o cúmulo do absurdo, um crime! - uma mãe que leva o seu filho à médica, e esta pergunta “Qual a sua filiação partidária?”,

negando-se a atender o paciente! Isso é o germe do fascismo, não cabe em uma sociedade tão diversa como a brasileira! Aqui é a cara do povo brasileiro, são as cores, as possibilidades! Este povo não merece! (Palmas)

Portanto, é preciso que a gente reafirme a democracia, a liberdade!

E viva a dança! E vivas a todos vocês que fazem essa dança! E viva a democracia! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fabiola Mansur):- Parabéns, deputado Marcelino Galo, que aqui não só preside esta sessão, mas também é o presidente da Comissão de Direitos Humanos da Casa e uma pessoa extremamente valorosa na defesa da democracia, da liberdade e dos próprios direitos humanos, além de ser igualmente sensível na defesa da cultura na Bahia!

Hoje, saudando carinhosamente a todos vocês artistas da dança - em especial, Fernanda Tourinho, diretora da Funceb, Lia Robatto, fundadora da Escola de Dança, e Antrifo, do Balé TCA -, eu quero dizer não só viva a dança, mas também dar vivas ao deputado Marcelino Galo, que é certamente um dos melhores deputados desta Casa! (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Gostaria de convidar a Sr^a Diretora Artística do Teatro Castro Alves, Rose Lima, para fazer parte da Mesa. (Palmas)

Agora, eu passo a palavra à Sr^a Representante do Fórum das Artes, Nirlyn Seijas, pelo tempo de até 5 minutos. (Palmas)

A Sr^a NIRLYN SEIJAS:- Bom-dia a todos.

Eu estou bem comovida por estar aqui hoje, de novo, mais uma vez tentando celebrar o que nós chamamos de data aqui nesta cidade. Agradecendo aos estudantes, quero dizer que atualmente sou professora de História da Dança deles, estudante de Licenciatura da UFBA, militante do Fórum das Artes e colaboradora do Pronatec junto com Sanctum. Está interessante cada lugar desses pra mim, porque são muitas confluências juntas.

Aproveito a deixa que o Marcelino Galo falou e inclusive registro que noto a ausência do Bira Corôa e do Eduardo Salles, dois deputados importantíssimos para a luta da cultura, que não estão aqui e deveriam estar. Acho importante que nós, como sociedade civil, nos posicionemos em relação aos nossos parlamentares, porque são nossos representantes. Esses dois deputados vêm nos acompanhando e não estão aqui hoje. É importante dizer.

Pensando nessa questão da democracia, no momento em que a democracia parece estar de fato em risco, pergunto-me muito como a dança foi afetada durante a ditadura militar. Lia Robatto, Bete Wagner e outras pessoas de uma geração anterior a nossa devem saber mais. Precisamos cobrar e procurar saber mais.

O que aconteceu com a dança e com a arte durante a ditadura? Nossa geração foi apaziguada fortemente para esquecer que esse momento existiu, foi um apagão na nossa história. Apesar de não ser brasileira, sou venezuelana, como latino-americana também vivemos ditaduras fortes, como na Argentina, no Uruguai, no Paraguai, e as artes sempre foram muito afetadas por essas inserções políticas ditatoriais.

Queria falar, neste momento, o quanto é importante que saibamos o que poderá nos acontecer na hora em que uma ditadura neoliberal ou militar for instaurada. Como cada um de nós – seja na mesa da cozinha, no jantar, com o avô, com a mãe, com o tio, com o vizinho, no ônibus –, com a nossa dança, pode estar ali propondo o diálogo, propondo as duas, três, quatro, cinco caras de uma questão. Estamos verdadeiramente em perigo, pois há uma crise econômica, mas ele é política também.

O que queremos para este País? O que vocês querem para a dança? É óbvio que a dança, para mim, não é mais uma coisa linda e maravilhosa. A dança é muito poderosa, mas está muito aterrada e precisa de outras coisas agora. As nossas vidas estão pedindo outras coisas, mas para ter essas outras coisas precisamos defender, hoje, a democracia que conseguimos até agora, para aprofundá-la e não abrir mão dela.

É impossível abrimos mão da democracia, que precisa ser mais profunda ainda, mais participativa e mais coletiva. (Palmas) A Assembleia tem que ser redonda e não assim. Enfim, a democracia não pode ir para trás. Se nós, estudantes – considero que somos da mesma geração; sou um pouco mais velha do que vocês, mas pertencemos à mesma geração –, não nos colocamos e não Dançamos, com D maiúsculo, não haverá almoço, ônibus, espaço para falar nada, não vai haver várias coisas.

Acho importante continuar e ver como cada um se posicionará neste momento. Era só isso que eu queria dizer.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. Presidente (Marcelino Galo):- Com a palavra a fundadora da Escola de Dança da Funceb, Sr^a Lia Robatto. (Palmas)

A Sr^a LIA ROBATTO:- Foi uma surpresa, porque não esperava ser chamada para falar. Nós todos aqui temos a mesma postura de luta pela afirmação das condições para a atuação plena de nossa profissão, da nossa arte. É muito lindo ver uma postura política consciente de vocês, que estão para se formar, porque nem sempre foi assim.

A Nirlyn me desafiou a falar sobre o que foi a ditadura. Tomem cuidado, porque é um desastre! Esperamos que não haja uma quebra da democracia. É tão bonito, porque a dança é uma manifestação, na sua origem ancestral, coletiva. A dança tem os seus solos como um destaque que representa a comunidade. Toda dança

nasce da coletividade. Toda dança emana do povo e deve ser inclusiva. Mas a dança também pode ser usada de uma forma perversa, distorcida e se tornar elitista, tirana, ditadora, controladora dos corpos. Já aconteceu isso. Mas, graças a Deus, a dança vem se rebelando contra os sistemas, contra a padronização de elencos, todos do mesmo tipo físico, cor de pele, peso, altura. (Palmas)

Tenho orgulho de ter tido os elencos mais diversos da minha vida. Tive elencos desde pessoas magérrimas a pessoas com mais de 100kg, de brancos, pretos, mulatos. Só não tinha oriental, porque quase que não há oriental na Bahia. Tive uma Dinazinha linda, pequetita, e tive uma bailarina alemã que tinha 2 metros e 2 centímetros, galalau. Sempre gostei da diversidade.

Sempre achei também – não estou querendo falar de mim, é só como um exemplo – que a dança deve ser inclusiva e deve aceitar a diversidade, porque a nossa sociedade, a nossa cultura não é homogênea. Graças a Deus, somos diferentes. Temos muitos setores com pensamentos, com ideias e com valores diferentes. Temos de incluir essas diferenças e nos enriquecer com elas, e não anulá-las. Então é isso, vamos lutar. Temos uma lei muito boa aprovada nesta Casa, a Lei Orgânica da Cultura. Com essa lei já temos os parâmetros com o que nos basearmos para lutar.

Gostei muito quando o deputado Marcelino Galo falou assim: “Vamos cada um ficar lutando pela captação do seu projetozinho individual...” – isso também é necessário para sobreviver – “(...) mas temos de lutar pela verba geral para a área. Não somente para a dança, mas para as artes, para a cultura”.

O balé vem sofrendo dificuldades enormes de sobrevivência. E no balé há muitas funções, não é só apresentar seu espetáculo. Tem de se pensar todas as funções sociais que o balé traz. A Orquestra Sinfônica também está morrendo. (Palmas) Então, vamos nos unir às outras linguagens. Ou seja, sejamos os mais democráticos.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço à professora.

Convido o aluno da Escola de Dança da Funceb, Douglas Rodrigues. (Palmas)

O Sr. DOUGLAS RODRIGUES:- Bom-dia a todos. Antes de mais nada, gostaria de dizer que a carta que lerei aqui, hoje, é resultado de um processo muito bonito que está acontecendo na Escola de Dança. Gostaria de agradecer aos meus colegas por estarmos vivendo isso juntos. Estamos de parabéns! É um orgulho fazer parte desta geração de dança que é ativa politicamente. (Palmas)

(Lê) “*Salvador, 07 de abril de 2016.*

Á Comissão de Educação, Cultura, Ciências e Tecnologia e Serviço Público da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Esta carta é só para explicar por que estamos aqui.

Esta carta é só para explicar por que estamos aqui.

Estamos aqui hoje, 7 de abril de 2016, cobertos e abençoados pelos deuses e orixás para dizer a todos que estamos prontos. Não sei se para acabar com os absurdos que temos visto e vivido, mas para exigir que acabe e para convocar mais pessoas para exigir conosco. Estamos aqui para dizer a você como é que tem ser. Para exigir o desarquivamento ou criação de uma lei de vinculação orçamentária que garanta pelo menos 2% dos recursos financeiros dos municípios e 1,5% do Estado da Bahia para investimento na pasta cultural. Estamos aqui para exigir que a PL./21056/2014, que modifica a Lei de Fundo de Cultura seja recolocada na pauta da Alba. Para exigir respostas: Por que a PL supracitada foi retirada? Qual foi a discussão em torno dessa PL? Qual deputado está acompanhando esse processo?

Perdão, senhoras e senhores, se estamos atravancando caminhos, interrompendo livre fluxo desse lindo salão. Desculpe se nossas caras não combinam muito bem com esse ambiente ou com essa celebração festiva, mas a nossa celebração mais solene era o almoço que nos era fornecido - tão importante para nós - e que nos foi tirado por "falta de verba". O que certamente seria diferente se nossas exigências acima fossem atendidas.

Perdão mais uma vez se hoje não fizemos uma bela dança que agradasse aos seus confortáveis olhos ou se esta fala não tem toda a pompa necessária, mas também estamos aqui para dizer que se for preciso, abrimos mão de qualquer linda dança para deixar claro o que precisamos e que já sabemos onde cobrar.

Estamos aqui para exigir mais respeito pela classe da dança. Há um ano trouxemos uma carta que até hoje encontra-se sem resposta e que poderia facilmente ser relida sem acréscimo ou subtração de sequer uma vírgula.

Mas confesso que no fundo perdemos a fé nessas respostas e é por isso que hoje, 7 de abril de 2016, estamos aqui para que mais uma vez nossa fala não seja em vão, convertida em um lindo vídeo, por isso usaremos os minutos que nos restam para falar com VOCÊ!" (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço aos alunos e a todo o corpo da Funceb, aqui representado por Douglas. É muito bonito ver a juventude voltar a fazer política. (Palmas)

O recado que foi dado aqui, baixinho, está registrado. Estamos juntos e precisamos dar desdobramento para que, de forma ativa, possamos reaver, retomar e retornar esse projeto, para que ele possa ser aprovado nesta Casa.

Nosso gabinete está à disposição. Temos também Ivete, que está todos os dias na Assembleia. Logo após esse encontro, podemos conversar sobre como daremos continuidade aos recados de vocês.

Agora, passo a palavra para Virgínia Rocha, da Escola de Dança da Funceb.

(palmas)

A Sr^a VIRGÍNIA ROCHA:- Quero apenas dizer do orgulho que tenho de vocês. A Escola de Dança da Fundação Cultural tem 32 anos. Foi a primeira escola pública de dança do Norte e Nordeste do Brasil.

Esses meninos já falaram o que tínhamos para falar. Eles merecem as palmas, eles têm a palavra.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado, professora Virgínia.

Passo a palavra para nossa coreógrafa da escola de Dança da UFBA, Leda Ornelas. (Palmas)

A Sr^a LEDA ORNELAS:- Bom-dia a todos. A benção, para quem é de benção; licença para quem é de licença.

É emocionante, é impactante, é transformador estar voltando a esta Casa. No final da década de 70 e 80, aqui estávamos nós, sociedade civil, três mulheres, três Marias, Ivete também com a gente, num outro lugar, num outro momento, mas também reivindicando, chutando a porta e pedindo exatamente tudo que voltamos, em 2016, a reivindicar, a pedir.

Porém, esse momento tem um diferencial muito grande. Estamos junto e vai além da epiderme, além da nossa cor de pele. Isso para mim é muito significativo.

(Lê) “Repensando nossos espaços.

A Universidade Federal da Bahia, em especial a Escola de Dança é um espaço de produção de conhecimentos, fruto de uma política pública que objetiva dentre outras coisas contribuir com o processo de democratização da educação de nível superior.”

Estando cada vez mais mantendo um diálogo direto e franco com a sociedade civil.

(Lê) “A sua existência é motivo de reconhecimento da arte e da cultura no processo de formação de uma sociedade.

Neste contexto vale ressaltar a grande contribuição que a Escola de Dança da UFBA vem oferecendo nos seus 60 anos de existência, que além da sua grade.”

Que não é mais grade, é exatamente um local aberto, com seus cursos de extensão, de licenciatura e dança e bacharelado agora em dois turnos, diurno e matutino,

(Lê) “Promove atividades e ações que claramente estabelecem uma relação entre o espaço acadêmico e as dinâmicas sociais e culturais do Estado da Bahia e da Cidade de Salvador, além disso contribui significativamente com o desenvolvimento político e artístico no cenário nacional.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que as Universidades Públicas e, em especial, as unidades vinculadas à cultura, assumem um papel diferenciado, na contemporaneidade. São espaços que dialogam com o seu entorno e entendem o sujeito como portador de cultura, sendo um elemento central para o desenvolvimento e envolvimento de um sistema integrado entre saberes e conhecimentos adquiridos. A expressão da dança produzida no nosso espaço, na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia e no entorno, nos bairros da nossa cidade, é, sobretudo, a expressão da cultura brasileira e baiana, que, com seus signos e códigos naturais, agrega os mais diversos estilos, desenvolvidos e envolvidos em uma marca que só é possível compreender porque está inserida num Estado diverso e plural, como é o nosso, no qual as matrizes culturais e, em destaque, as matrizes afro-brasileiras e as matrizes africanas se apresentam, principalmente nos movimentos produzidos pelos corpos dançantes da nossa cidade e do nosso Estado.

No contexto contemporâneo e, em especial, no contexto latino-americano, a discussão da descolonização do conhecimento vem ganhando espaço e perpassa por compreender que as instituições públicas, em especial as instituições de ensino, precisam adotar condutas inovadoras. As transformações que tanto queremos que aconteçam emergem do local para o global, e a Universidade ocupa um lugar especial nesse sentido. Não estamos falando mais de espaços de educação formal, estamos nos referindo a espaços que unem formação, política e sociedade, e essa tríade nos leva a compreender que as universidades públicas devem se remodelar e aprimorar o conceito de conhecimento, compreendendo que há espaço para aqueles que querem se dedicar ao estudo teórico e para aqueles que querem compartilhar e dividir o espaço dessa construção.

Sendo assim, as autoridades político-culturais, os gestores da cultura, os artistas e nós, público, que também somos plateia, são agentes envolvidos nessa temática, cujos discursos precisam ser estudados para se compreender plenamente esse fenômeno, na procura pelo desenvolvimento e envolvimento de propostas que potencializem a inclusão cultural. Percebendo a magnitude dessa abordagem devido à multiplicidade de atores que somos nós, que participam desta mesa de debate, aqui, hoje”

Para finalizar, porque não vou me estender para termos oportunidade de dialogar com a plateia.

Me permitam: considerando a atual situação do corpo docente, do corpo de técnicos e até dos discentes aqui presentes, da Universidade Federal da Bahia e da Escola de Dança da Fundação Cultural, estamos ligados à mesma escola e às mesmas dificuldades, mas também àqueles que surgem nos diferentes espaços de cultura e arte da nossa cidade. É imprescindível que haja uma relação de parceria entre as federações, o Estado, a Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia e todos esses jovens de coletivos atuantes e presentes em nossa cidade, a exemplo dos seguintes grupos que estão presentes: A Voz do Subúrbio, presente; Herdeiros de Angola, presente; Reaja ou será morto (a), presente; e os blocos afros, com suas ações

tão significativas durante todo o ano, em suas escolas criativas, a exemplo do Olodum, Ilê Ayê, Malê de Balê, presentes.

É assim que eu me vejo. É assim que estamos aqui nesta mesa, buscando essa construção coletiva, porque, na verdade, por mais que estejamos muitas vezes na invisibilidade, nossas ações fazendo políticas públicas já existem.

Muito obrigada. Até a próxima. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado a nossa diretora.

Quero registrar a presença dos assessores do deputado Bira Corôa nesta plenária.

Concedo a palavra ao diretor do Balé do Teatro Castro Alves, Antrifo Sanches.

O Sr. ANTRIFO SANCHES:- Bom-dia a todos e todas da mesa, ao deputado Marcelino Galo, deputada Fabíola Mansur, meus colegas de trabalho e de profissão, alunos e ex-alunos presentes, muito queridos. É um prazer enorme estar presente nesta mesa.

Tinha preparado um discurso, mas abri mão de falar especificamente sobre o que tinha pensado, porque depois de tudo que vi e ouvi hoje, reformulei o meu discurso. Vamos nos transformando em todos os dias das nossas vidas.

É uma alegria enorme estar aqui hoje, eu, que faço parte, tanto da Universidade Federal da Bahia – há 22 anos como professor da Escola de Dança da UFBA – como do Balé do Teatro Castro Alves, onde fui dançarino. Hoje estou ocupando o lugar de direção, uma direção colaborativa, pois não me coloco acima de ninguém, mas junto com todo mundo para fazer esse trabalho. Então é como muito orgulho que estou aqui hoje, comemorando os 35 anos do Ballet e os 60 anos da Escola de Dança.

Pessoalmente, defendo também essa luta de 1,5% do orçamento nosso Estado para a cultura. Mas confesso que precisamos de mais articulação. Quais estratégias precisamos pensar juntos? Nós: Escola de Dança, Balé, Escola de Dança da Fundação, alunos. Quais são as estratégias que vamos pensar para ir adiante com esta discussão, que é tão importante para todos nós?

Fico pensando que se não fossem vocês, que se apresentaram para a gente, quantas pessoas estariam aqui hoje? Estaria relativamente esvaziado este Plenário.

Neste momento não podemos nos fragmentar. Ouvi uma aluna querida da escola dizer que não é só o Balé que está em uma situação difícil. Não é mesmo, não. Estamos todos em um momento difícil, mas esse discurso não ajudará. Se não tivermos um discurso que nos coloque, como Leda falou, para trabalhar com coletividades, de que precisamos uns dos outros, não conseguiremos. Vamos continuar brigando, brigando e brigando, devido às nossas diferenças de pensamento, as nossas diferenças políticas. Mas é nessa diferença, nessa diversidade, que a gente

acredita ter uma coisa só. Acreditamos que é necessário mais cultura, quanto mais cultura, como vocês falaram e defendo esse ponto de vista, mais educação, mais saúde e menos violência teremos. Então, a cultura está na base de tudo, a cultura é importantíssima na formação do sujeito, as artes têm que estar nas escolas. Já estão, mas precisam de mais força, de mais ênfase, de mais profissionais. Fico assustado por não haver trabalho para as pessoas que trabalham com arte, quando precisamos tanto de arte.

Como vocês, também vim de classe média baixa, comecei a fazer dança há 34 anos, não tinha dinheiro para pagar academia. Se naquela época já houvesse escola de dança pública na Fundação Cultural, provavelmente eu estaria aí, no lugar de vocês. Fui abraçado pelas academias da cidade. Nunca paguei aula de dança – naquela época, os rapazes que faziam dança podiam fazer aula de graça nas academias. Isso foi maravilhoso. Depois consegui... O BTCA, depois que entrei no BTCA, em relação à cena, ele me deu régua e compasso.

Isso é importante, porque neste período de 35 anos quase 170 dançarinos passaram pelo BTCA, é uma média de 5 todos os anos. Temos mais de 50 coreógrafos, quase 600 profissionais trabalharam nesses 35 anos. Então, não vamos nos separar, porque é importante para o mercado de trabalho, é importante estarmos lá.

Felipe, que vocês viram dançando, passou pelos cursos livres da Escola de Dança da Fundação, passou pelo projeto Trampolim, que foi um projeto do Balé do Teatro Castro Alves. Ontem, começou o Projeto Cine-Teatro Lauro de Freitas, – está lá dentro, trabalhando com a comunidade de Lauro de Freitas, trabalhou no ano passado com a comunidade Solar Boa Vista, em Brotas, irá novamente trabalhar este ano. Então, precisamos estar juntos, não vamos levantar a bandeira de um discurso segregador, segregador não, estamos todos na maior dificuldade, o balé, desde que entrou até agora para a produção teve R\$ 5.600,00 este ano.

A crise está difícil para todo mundo. Já estamos há 2 meses trabalhando e não temos esse dinheiro que pensam que temos. Estamos numa dificuldade enorme. Claro que temos uma casa, uma história, um acervo de figurino lá, acervo de cenário que vamos reaproveitando, estamos vivendo disso. Então, por favor, peço aqui: vamos nos unir, entender a importância de todos nós nisto aqui.

Era isso e muito obrigado.

(Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço ao diretor, dizer-lhe que, com certeza, ele tem toda a razão, como consequência disso, acho que nós deveríamos trabalhar no sentido de criar um fórum de defesa, de pressão, para que consigamos dar continuidade a essa luta. Inicialmente, no orçamento, 0,5%, não sei,

os companheiros da Funceb já defendem 2%...

(Algumas pessoas falam ao mesmo tempo.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- É município, é?

Mas unificarmos e vermos como damos continuidade a essa luta.

Agora vamos abrir a palavra à deputada Fabíola Mansur, que é presidente da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher nesta Casa. (Palmas)

A Sr^a FABÍOLA MANSUR:- Presidente deputado Marcelino Galo, agradeço a abertura da fala, e, para ser breve, porque vim aqui muito mais para ouvir do que para falar, quero, saudando V.Ex^a, saudar toda a Mesa que compõe parte do passado, do presente e o futuro que está aqui sentado. Digo isso porque a cultura é libertária. Fora dela existe o preconceito, a discriminação, o conservadorismo. E a cultura libertária construída através das diversas linguagens, e a dança, certamente, é uma das prioritárias, deveria ser estimulada, não somente através dos talentos que já vimos, porque temos enormes talentos na Bahia, terra da diversidade, da pluralidade, da construção coletiva, mas devia através de políticas... e aí parablenzo V.Ex^a, deputado Marcelino Galo, que vem atuando, já disse quando tive a honra de presidir por alguns minutos esta sessão, brigando aqui por orçamento, por priorização, juntamente comigo, que já estive com Fernanda, com Virgínia, com Antrifo, com Lia, também tentando entender, e nós somos da Base do governo Rui Costa, um governo de esquerda que prioriza a cultura e que vive um momento de crise, e nós temos essa compreensão.

O que nós, em que pese estando na Base do governo, não conseguimos entender, e aí quero me associar a esses pleitos que vocês fizeram, é como se pode retrair aquilo que já é minúsculo. Eu não posso admitir que um governo de esquerda tenha essa compreensão, e aí a crise, eu acredito, não é falta de sensibilidade do governador. Acho que é falta, sim, de lembrarmos – eu sou médica, mas uma das bandeiras é a cultura – que quando tiramos e fazemos um regime num paciente obeso... tiramos 10 quilos e esse paciente fica magro. Quando tiramos 10 quilos de um paciente quase em estado de inanição, o matamos. E não posso achar que uma política que seja altamente retrativa, possa e consiga, sem a nossa ajuda, calar os corpos, as almas das diversas línguas aqui representadas.

Quero saudar o balé, Antrifo, a escola, professora Lia, como a senhora falou, as padronizações sempre existiram, se não existissem, talvez estivesse aqui uma dançarina, mas como as padronizações naquela época existiam, eu fui uma grande expectadora dos espetáculos que você produziu e participou. Saudar a história da Escola de Dança da UFBA, saudar a dança, saudar Marcelino Galo, deputado atuante na cultura é também dizer: estamos aqui para nos comprometer. Esta Casa não é uma Casa que nós, pelo menos pessoas como eu, como Marcelino, como Bira, que queremos padrões diferentes daqueles que representam a Bahia. Esta é uma Casa do povo! Esta é uma Casa de um Estado diverso, de um Estado plural, um Estado que deve priorizar a cultura como política principal.

É inadmissível que ainda tenhamos que ter em uma audiência dessa uma apresentação cujo pleito seja a retomada da verba do almoço, a retomada do Smart Card, a não retração do Orçamento. Um orçamento 0,7% é nada! É inadmissível! (Palmas) E para provar que temos autonomia de pensar, autonomia de agir, falando de corpos, como não tive o corpo para dançar tão lindamente como vocês, vamos usar a incorporação, que tem corpo na sua palavra e significa me juntar, juntar-me a Marcelino. Juntar-me... já estivemos com Fernanda, com Manoel Vitorio, com o secretário Jorge Portugal a quem saúdo – acho que ele tenta mas não consegue fazer milagres, porque a quem é dado o milagre é dado também a santificação, e não existe santos, não há Deus nem orixás que consigam proteger a cultura com um orçamento dessa natureza, porque talentos nós temos, projetos nós temos, história nós temos.

Quero, então, para finalizar, dizer que a gente se compromete com essa Frente em Defesa da Cultura, não só da dança, mas principalmente da dança, uma Frente que deve ter o deputado Marcelino Galo liderando, eu e os deputados Bira Corôa e Eduardo Salles vamos exigir alternativas. Ao governador não se chega exigindo, mas exigir alternativas dizendo: se nós defendemos a cultura, se nós acreditamos que a cultura está com um orçamento pífio, nós queremos que os orçamentos sejam descontingenciados, vamos abrir o PL 21.056, já que a PEC 242, nós temos que pedir aos nossos deputados federais, porque isso é uma PEC federal, de 2% para os municípios e 1,5% para o Estado, mas o Estado tem que, pelo menos até que essa PEC seja votada, conseguir chegar a 1%, não contingenciar, não despriorizar, entender as especificidades da cultura, e só assim vamos ter os orçamentos dinâmicos que vão privilegiar os talentos em vez de termos os orçamentos estáticos que limitam as cabeças pensantes e os corpos dançantes que tanto queremos ver nos espetáculos da vida.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Muito obrigado, deputada Fabíola.

Passo a palavra ao Sr. Flávio Gonçalves, nosso diretor da Rede Pública de Televisão e Rádio do Estado e que foi diretor da Rede Nacional, um personagem novo no nosso Estado que está aberto e à disposição de todos os grupos aqui presentes.

O Sr. FLÁVIO GONÇALVES:- Bom-dia a todos e todas. Uma saudação ao deputado Marcelino Galo pela realização deste evento e também pela defesa enfática da democracia; à deputada Fabíola, é um prazer estar aqui com vocês. Como o deputado falou, chegamos recentemente à Bahia, mas já tive oportunidade de encontrar alguns participantes da Mesa e alguns que estão participando desta atividade. A *TVE* e a *Rádio Educadora*, penso eu, são patrimônios do povo da Bahia, assim como figuras ilustres que estão participando deste ato, desta sessão, dessas instituições aqui representadas que completaram 60 anos, que completam 35 anos. A *Rádio Educadora* completou no último mês 38 anos, a TV completou, no ano passado

30 anos, e nós estamos aqui para reafirmar o compromisso tanto da *TVE* quanto da *Rádio Educadora* de serem espaço de promoção para a diversidade da Bahia, da diversidade da cultura da Bahia, e, portanto, um espaço de promoção da dança da Bahia.

Eu gostaria de falar de duas... Este é um momento de celebração, mas aqui também é um espaço de articulação e de abertura de espaço.

Então, gostaria de fazer aqui dois breves comentários. O primeiro, é que definimos este mês, obviamente, como o mês da dança. Tivemos o privilégio de gravar uma apresentação do balé nos seus 35 anos. Tivemos o privilégio de recuperar conteúdos em nosso acervo; também, a partir do acervo do balé, de construir cerca de 30 peças, que estão rodando, ao longo da programação, na televisão, resgatando a história da dança na Bahia; e de promover, tanto na rádio quanto na televisão, a exibição de conteúdos que promovem a dança.

A TV pública e a rádio pública são espaços de cultura, de informação, de educação, e a dança é tudo isso. Temos aqui instituições educacionais, professores e alunos, portanto, temos educação. A dança é cultura, o que também somos. A dança é informação, a dança é saúde, é posicionamento político, como vimos há pouco, e a comunicação é tudo isso.

A televisão e a rádio pública são pagas com recursos públicos. Todos vocês pagam, todos os anos, um pouco de imposto, de recurso, que depois vira o nosso orçamento. Não temos as amarras e os compromissos que a televisão e a rádio comercial têm, que buscam incessantemente a audiência a preço de qualquer conteúdo, sem, muitas vezes, valorizar a cultura local, as questões locais, e dar espaço aquilo que a Bahia tem, inclusive em função de seus compromissos em rede nacional.

Então, ficamos sabendo muito mais do que acontece em São Paulo, Rio de Janeiro, nesses “centros”, do que aqui, na Bahia. E nós, que somos a rádio e a TV pública, não temos esse compromisso. Pelo contrário, temos compromisso é com o povo da Bahia. E nesse sentido, o espaço está aberto, mas o espaço também é sempre conquistado. Então, gostaria muito de fazer um convite para que vocês da dança ocupem cada vez mais o espaço na TV e na rádio.

Não só esses espaços, essa é a segunda questão que gostaria de colocar, mas ocupem também um outro espaço que, em nossa visão, pode e deve estar sempre aberto à cultura local, mais aberto do que está hoje, que é o espaço do nosso teatro.

Temos, hoje, um teatro para cerca de 170 pessoas. E gostaria muito de ver o que vi aqui fora dentro do nosso teatro. (Palmas) Gostaria de ver a dança, a música, a cultura de modo geral, cada vez mais presente naquele teatro, naquela comunidade, em torno daquela região que precisa ter espaço de manifestação cultural, precisa ter acesso ao que é produzido, ao que vocês produzem, mas também precisa ter acesso e a oportunidade de se manifestar.

Nesse sentido, fica um convite aqui a todos vocês para que nos ocupem, para que ocupem o espaço da televisão e da rádio, mas também ocupem o espaço do nosso

teatro.

E nós temos aqui um público que, para nós, é prioritário, que é a juventude. Temos um grande desafio hoje em dia: cada vez mais a juventude sai da televisão e do rádio e fica ao celular, no computador, na internet. E aqui há uma juventude muito grande. Queremos muito ampliar a nossa produção de conteúdo, a nossa interlocução e o nosso espaço para a juventude, para ela se manifestar, colocar-se, debater e se apresentar.

Então, quando surgir um novo espetáculo, pensem sempre em nos procurar. Queremos sempre divulgar a realização de um novo espetáculo, de uma nova atividade. E nesse sentido, estamos muito antenados, e estamos apoiando a realização do Viva Dança que será realizado agora. Já tivemos uma reunião com a organização.

Enfim, estamos muito empenhados em divulgar a realização desse evento tão importante para a Bahia, assim como outros que são promovidos, porque consideramos que isso é um privilégio. Ter a honra de trabalhar com comunicação e não ter que cobrir um tiroteio, um buraco na rua, um acidente de trânsito, mas ir ao teatro e gravar a apresentação do balé, isso é um privilégio para quem trabalha com comunicação. É uma honra poder proporcionar à população do Estado da Bahia o acesso a isso.

Então, considerem sempre a *TVE* e a *Rádio Educadora* como parceiros, o nosso teatro também, e, por favor, ocupem-nos, porque neste momento de resistência da democracia vemos a importância de ocupar e resistir.

Muito obrigado.

Por favor, ocupem-nos, e vamos resistir juntos.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço ao companheiro Flávio.

E vocês ocupem mesmo.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Com a palavra a diretora artística do Teatro Castro Alves, Rose Lima.

A Sr^a ROSE LIMA:- Bom-dia a todos e a todas.

Também de surpresa aqui, e quero dizer uma frase de Ferreira Goulart que me toca muito: “A Arte existe porque a vida não basta”.

Então, tenho certeza que temos cada vez mais que fazer a nossa parte, trazer à tona e mostrar para as pessoas que não estão aqui neste momento, concordo com Antrifo, e reverberar esse momento para as pessoas que não entendem, que não sabem da necessidade da cultura, e que é importante, tanto quanto ter um hospital, poder também ter ações de cultura e, com isso, ter uma sanidade melhor, não só mental, mas de vida, de corpo.

E é importante que possamos, igual a formiguinhas, como somos, levar isso a todo mundo, ao vizinho, ao porteiro, ao professor, às pessoas que não participam desse grupo, porque esse grupo tenho certeza que tem o conhecimento.

Em comemoração ao mês da Dança, estaremos, no próximo domingo, com 300 pessoas que dançam valsa, vários grupos que estarão no palco do TCA. E tenho certeza que todo mundo já tem sentido isso há algum tempo, que o Teatro Castro Alves já é ocupado por muito mais pessoas nesta cidade do que antes.

E estamos abertos a estar com a Escola de Dança da Fundação, assim como o balé de Pina Bausch e o nosso Balé do Teatro Castro Alves.

Passamos pelas mesmas dificuldades, é um momento difícil mundial, estadual, não só na questão de verbas, mas acredito também que temos um nó para desfazer de qualquer forma, que é a questão ética. Então, temos que estar atentos a isso, perseguir e mostrar que, realmente, a arte existe para nos melhorar. E tenho certeza que quem consegue agregar isso ao seu conceito de vida consegue ser uma pessoa um pouco melhor.

Gostaria de saudar a Escola de Dança da UFBA pelos seus 70 anos, e também a universidade nas figuras de Dulce, Lia Robatto e Iza, que estão aqui. E o nosso balé também. São 35 anos com uma história vitoriosa. Acho que teve uma modificação muito grande no olhar do próprio balé. Sabemos que o balé é consagrado mundialmente, mas podemos afirmar agora que ele também é consagrado no interior da Bahia, porque passamos cada vez mais a visitar as nossas cidades mais perto daqui.

E precisamos também do apoio de vocês. Vocês precisam do nosso apoio e nós do apoio de vocês, porque o Balé do Teatro Castro Alves é referência de dança na cidade, no Estado, no País. É a primeira companhia de dança do Norte e Nordeste. Imagino que para vocês deve ser uma referência também, assim como é para mim, porque comecei a frequentar quando entrei na universidade com 18 anos, tenho 51, e sempre tive muito orgulho de poder ter um balé, uma companhia de dança na minha cidade, no meu Estado. E tenho muito orgulho de poder trabalhar com eles agora.

Assim como tenho muito orgulho da nossa Escola de Dança da Fundação Cultural. (Palmas) É uma escola que tem um trabalho grandioso. Ocupamos dia a dia com os espetáculos que são feitos no TCA. Procuro ir a vários no Espaço Xisto sempre que posso. A minha filha, hoje em dia, para o meu prazer, e sem nenhum benefício por ser filha de Rose Lima do Teatro Castro Alves, é aluna também da Escola de Dança da Fundação. Ela está fazendo dança afro e é um prazer poder ouvir dela como é bonito essa ação que o Estado faz através da Fundação Cultural. É muito gostoso isso, porque eu não tenho só um olhar nem uma escuta institucional, tenho uma escuta também de quem está lá dentro e passo a ter mais orgulho ainda da nossa Escola de Dança da Fundação Cultural.

Eu concordo com tudo que Antrifo falou, precisamos nos unir cada vez mais, porque são tantas adversidades, então cada vez mais precisamos estar juntos para que

a dança possa ir à frente.

Tenho que agradecer ao Marcelino, porque é uma pessoa que, realmente, tem estado sempre junto. Agradecer à Bete Wagner, que é a formiguinha que fica ali também fazendo com que tudo se mova. E eu gostaria de pedir que pudéssemos transformar essas reuniões em possibilidade de grupo de trabalho mais efetivo. Aqui temos um discurso da importância da união, mas eu acho que tem que ter o momento da importância da política cultural. Falamos muito em política cultural, políticas públicas, mas, de verdade, quais as que temos? Eu acho que não é só lutar por 1,5%. É lutar por um 1,5%, porque isso é tão óbvio, como Fabíola falou, que dá vontade de chorar.

Mas o que mesmo podemos fazer ainda mais para concretizar políticas públicas de cultura? Políticas públicas de cultura na área de dança, e em todas as artes, para que não possamos ficar também só nos encostando no outro para não cair. A verdade é essa, a vontade que dá, às vezes, é de desabar no choro. No choro do Marcelino, que eu acho muito bonito, um homem grande, desse tamanho. Grande não só na estatura, mas também na importância de um deputado, porque vemos nele a sensibilidade. E como podemos ir à frente e sensibilizar os que não estão aqui nesta Casa, os outros deputados... (palmas) Pessoas que poderiam estar também nessas cadeiras vazias.

Então acho que cabe a nós nos unirmos para poder levar nossos pleitos e concretizar a fim de que a gente também saia do discurso, saia desse lugar de pedinte, porque, na verdade, ficamos a pedir todos os dias para que, pelo menos, olhem para a gente, pedimos todos os dias R\$5.500,00 para poder botar um som de um espetáculo no Teatro Castro Alves, porque não o temos. E podermos ter uma programação mínima. É necessário que tenhamos a segurança do que pode ser feito no mês que vem, e isso nós não temos. Nem para o mês que vem.

Enfim, acho que o dia também merece ser comemorado, porque existimos, porque a arte existe. E ela existe para quê? Para ser melhor do que a nossa vida, para nos levar e podermos nos inspirar cada vez mais.

É isso. Um beijo no coração.

(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado a Rose, agradeço especialmente o consolo.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Com a palavra a outra diretora da Funceb Fernanda Tourinho.

A Srª FERNANDA TOURINHO:- Bom-dia, inicio saudando a Mesa, o deputado Marcelino Galo e a deputada Fabíola Mansur e os meus colegas de trabalho e de vida. É um consolo vir aqui e ter o que dizer neste momento e me sentir em casa com as pessoas que na minha vida eu escolhi para acompanhar e estar ao lado. Isso é

uma coisa muito importante, de que lado estamos e pelo que lutamos durante a nossa vida. Sem uma história, sem conhecimento, é muito difícil chegar a ocupar um cargo ou uma posição e conseguir suportar ou mesmo levar adiante algo. Então, eu reconheço nesta Assembleia, neste público, a minha turma.

Queria sempre parabenizar o deputado Marcelino, porque é o segundo ano que venho na condição de diretora da Funceb e sei que já é o quarto ano que o senhor promove esse momento especial aqui.

Eu sinto falta, mas não é aqui. Não é uma crítica à Assembleia, é uma crítica até para todos nós mesmos. Eu sinto falta de que a gente possa conversar com os que não estão sensibilizados, de que a gente possa ter um espaço de conversa com aqueles que não sabem da nossa luta, com aqueles que não compreendem muito bem o nosso dia a dia e as nossas necessidades. Eu vejo que nas redes sociais, nos nossos bate-papos, a gente está sempre falando com a gente mesmo. Isso é terrível. A gente já sabe. É preciso que a gente consiga avançar um passo, trazendo outros para nos ouvir e para que a gente possa ouvir, também. Isso é muito importante.

Vejo aqui e queria dizer isto aos deputados da Assembleia Legislativa e também aos outros companheiros do governo do Estado: embora se pense ou haja uma tendência a se pensar, o que fica é a obra física – os hospitais, os viadutos, as grandes ruas. Eu sempre vejo, quando a gente chega para falar de alguém que ficou por um serviço maior, ser lembrado o professor Edgard Santos, (palmas) que não construiu nenhum hospital, nenhum viaduto, não fez nenhuma obra física, não abriu nenhuma avenida. É um homem que para sempre será lembrado, não só pelos 70 anos da Universidade, como por toda a história da Universidade Federal da Bahia, que se deve aos avanços, a ousadia, a sensibilidade do professor Edgard Santos com as artes.

Tenho acompanhado, muito de perto, tudo que a gente está vivendo com relação a nossa participação política e pública em defesa da democracia. Sabe qual é a classe que está diariamente fazendo algum ato? A classe artística. Aquela que não tem o menor valor; que não tem ainda um lugar de se enxergar a centralidade.

Eu trabalhei – sempre digo isto – por 18 anos num projeto social, o Projeto Axé, divisor de águas na minha vida, do qual me orgulho imensamente. Participei de um Fórum de Combate à Violência, do qual a gente participava na defesa das crianças e dos adolescentes do Projeto Axé. Tal fórum nasceu e existia dentro da Universidade Federal da Bahia, no centro de saúde da Universidade. E a gente se perguntava: “Como o centro de saúde da Universidade Federal da Bahia é que arregimenta uma mobilização de combate à violência?”. E eles me responderam, logo no primeiro dia: “A violência é a maior causa mortis da população. Se somos da área de saúde e o que mais mata não é o coração, não é o fígado, não é o rim, é a violência; a violência é uma doença e é uma doença social...”

Então, os investimentos em saúde pública, educação, esportes, agricultura, tecnologia são importantes, sim. Mas muitas das ações que são feitas, para as quais são destinados investimentos, poderiam ser com menos os recursos se estivessem alinhadas, se estivessem em diálogo com a cultura. E precisamos conversar sobre isso

não só entre nós, mas também com outros.

Faço um apelo à deputada Fabíola, minha amiga de infância, de adolescência, ao deputado Marcelino, aos assessores do deputado Bira Corôa, para que lutem no sentido de ampliar essa frente com aqueles que possam, aos poucos, mudar de verdade essa conversa. Eu nunca pensei em chegar aos 55 anos de idade – como diz Rose, dos 18 até aqui – e voltar a falar de coisas para mim tão distantes. Falar de perdas e de conquistas tão importantes.

Não tenham dúvida, a minha posição na Fundação Cultural do Estado da Bahia não é diferente, no entendimento, daquilo que vocês lá fizeram. Há muitos anos que estamos nessa luta. Agora, também vou fazer uma defesa aqui do outro lado. A coisa que mais nos faz crescer – e aprendi isso no Projeto Axé – é a tolerância. E tolerância não é suportarmos; é nos colocarmos no lugar do outro. E ao procedermos assim temos a ideia de como o outro poderia pensar, agir, até para dar alguma contribuição.

Estar no governo não me tira do meu lugar onde já estive. Trago para cá o conhecimento dessa luta, o entendimento das necessidades. Mas, ao aqui chegar, já tenho que estar no lugar de quem tem outras dificuldades ou de quem tem que atender a muitas outras coisas com pouco, e ainda passando por um turbilhão como este que estamos vivendo.

Eu me orgulho imensamente tanto da Universidade Federal da Bahia, da Escola de Dança da Universidade, como do Balé do Teatro Castro Alves, do qual fui produtora. Tenho muita honra disso, comecei a trabalhar como produtora lá, sei da batalha e sei o quanto é necessário. E aqui, deputado Marcelino, entre Balé e a Escola de Dança está a luta pela abertura do concurso público para a renovação do quadro, para a continuidade, para que esse Balé, ao invés de ser alvo de divisões, seja alvo de luta, porque é o elo da cadeia produtiva da dança. Eles precisam chegar lá, eles precisam ter onde ensinar, onde dançar – não só no Balé, mas lá é uma referência para isso –, precisam dialogar com vocês, e assim a cadeia produtiva se estabeleça, e cresça, e se desenvolva, e seja forte.

Então, temos muitas lutas. Eu tenho muito orgulho dessa escola, que tem 32 anos. Vocês vejam, eu vou só me estender para dizer o seguinte: temos uma Universidade com 70 anos, uma Escola de Dança com 60, um Balé com 35 e uma Escola de Dança com 32. O que mostra esse caminho histórico e a importância disso. Um foi decorrência do outro, um alimentou a existência do outro. Não podemos parar nem podemos retroceder, de jeito nenhum. De jeito nenhum!

Fiquei muito emocionada, e digo à Escola de Dança que vocês me representaram e sempre me representarão.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Obrigado a nossa diretora.

Agora, para proferir a última fala desta manhã tão importante, convido outra diretora da Escola de Dança da UFBA, nossa companheira Dulce Aquino, que também, neste evento, representa o reitor, nosso companheiro João Carlos.

A Sr^a DULCE AQUINO:- Sei que o tempo está avançado, mas, por favor, é um momento muito importante para a Escola, para a Bahia, para a universidade. Me tolerem.

Bom dia a todos. Por uma questão geracional e de gênero, em nome de Lia Robatto, cumprimento a todos da Mesa. Quero agradecer mais uma vez ao ilustre deputado Marcelino Galo – pois já é a quarta vez que aqui estamos – pela sua sensibilidade e atenção que tem por nossa área da cultura e da dança.

Em primeiro lugar, representando o Magnífico Reitor, em nome da Universidade Federal da Bahia, agradeço a homenagem à Escola de Dança pelos seus 60 anos.

A UFBA tem orgulho do espaço singular – palavras do professor João – que tem entre as universidades brasileiras, que traz na sua história e, no âmbito das suas unidades acadêmicas, as escolas de arte como instituições pulsantes, criativas, geradoras de conhecimento, E a Escola de Dança é uma delas. Ainda em nome do reitor, reitero a centralidade da arte como valor emancipatório do cidadão no exercício de sua dimensão simbólica.

Quero agora, em meu nome, como diretora da Escola de Dança, dizer da honra que tenho em falar por uma instituição que tem uma trajetória, ao longo da sua história, de grande coerência com o ideário de sua gênese.

Desde o início, em 1956, a Escola de Dança surge com os princípios da modernidade em seu compromisso com a contemporaneidade, estar no aqui e agora, contextualizada e interagindo, Leda, com o entorno, com aquilo que está em seu redor.

Assim, para comprovar o que afirmei, podia enumerar, talvez pelas 6 décadas – já fizemos um trabalho parecido com isso – as produções artísticas, as produções acadêmicas, o número extraordinário de profissionais que a escola formou, o número de artistas que passaram pelos diversos seminários, encontros, mostras, pela oficina nacional de dança contemporânea, por ser, por 28 anos, a única escola de nível superior de dança no país, e ter, desde 2006, o único programa de pós-graduação em dança no Brasil.

Mas o desafio não é construir uma narrativa da história da Escola de Dança como importante instituição. Ouvi, algumas noites atrás, em uma manifestação política – claro, os artistas estavam lá, Fernanda – o professor Ponciano de Carvalho, da Faculdade de Direito, afirmar: “A história perguntará o que estávamos fazendo enquanto se quebrava a ordem democrático de nosso país”.

Portanto, aqui, nesta Casa, e já vimos antes nos corpos dos nossos dançarinos, aqui e agora, eu não posso falar da nossa Escola, seja no passado, seja no presente, se

não o fizer pelo viés político. O momento assim exige.

Para os jovens que aqui estão, meus queridos alunos, estudantes da Escola de Dança, lembro, como presidente – eu fui presidente do Diretório Acadêmico Forma e Movimento –, da importância da militância político-estudantil.

De 56 a 64, no período pré-ditadura, a juventude universitária tinha nas montagens brechtianas do CPC suas aulas e mergulhos na poética revolucionária. Se nas missas de domingo, na saída do Mosteiro de São Bento – mesmo pessoas que não acreditavam em Deus ali estavam, ponto de encontro dos jovens de esquerda –, discutia-se *Antropofagia*, de Mário de Andrade, nos palcos improvisados, atrás da Reitoria, Yanka Rudzka dançava o *Ex-Voto* e coreografava *Candomblé*, tendo Lia como dançarino. Dois anos depois, eu também dancei *Candomblé*.

Se nos encontros na Faculdade de Direito, no subsolo, passávamos a noite inteira mimeografando panfletos com poemas de Maiakovski, no palco do Teatro Santo Antônio, Rolf Gelewski coreografava *Zumbi*, de Edu Lobo, com solo de Mário Gusmão e dançava *A Procissão*, de Gilberto Gil, e o poema *La Luna*, de Lorca, poeta revolucionário espanhol, fuzilado pelas costas. Alguns afirmam que isso ocorreu por ele ser homossexual. Ele era ligado à Frente Popular Marxista.

Falo aqui desse universo poético-revolucionário que iluminava nosso cotidiano naquele momento da pré-ditadura. Naqueles anos, queríamos mudança, queríamos reforma agrária, queríamos reforma política, estávamos preocupados com o povo, queríamos diminuir a desigualdade social, como agora queremos. Sabemos e precisamos lembrar que nesses 14 anos muito avançamos, mas precisamos avançar muito mais.

Mas, em 64, nesse ideário, nessa poética que eu acabo de falar, veio o golpe, como agora não vamos deixar. Nós não deixaremos. (Palmas)

Por 20 anos, a universidade funcionou como verdadeira trincheira de resistência. Lia tem razão. Tenham medo. É horrível viver na trincheira de resistência. Aquela juventude de 64 se calou naquele momento. Mas, claro, a juventude é sempre rebelde e muitas foram as rebeldias, a revolução dos costumes. E, muitas vezes, as escolas de artes da Universidade Federal da Bahia foram o cenário de invasão da polícia, com os artistas perseguidos e presos, impedidos de exhibir suas obras, como *A Maçã*, de Juarez, pela censura.

Nesse período, foram referência na Escola de Dança o GDC, o Odundê, o Tran Chan, o Grupo Experimental e o projeto da Oficina Nacional de Dança Contemporânea, que aglutinou coreógrafos e dançarinos. Era uma forma de resistência, era o preparo da abertura política.

Nós reunimos coreógrafos e dançarinos de todo o País. E a Oficina Nacional de Dança foi o grande palco – Leda, você sabe disso – para a produção da dança dos bairros populares de Salvador ser apresentada, como a Liberdade, Caixa D'Água e outros.

Importante referência, eu quero lembrar, *As Lavadeiras do Abaeté*, com a coreografia de Lucinha Mascarenhas. Lembrei também de Lícia Moraes, professor Antrifo, fazendo a semente sobre reforma agrária, etc., aquelas danças desse conteúdo político mais explícito.

Fiz um voo tão superficial! Ainda bem - né? -, porque senão seria muito longo, quase irresponsável. Muito faltou dizer desse passado da escola. Mas o tédio e a fome são os piores inimigos de um orador, ainda mais quando não se tem esse poder de oratória que têm os políticos.

Para finalizar, quero falar do hoje. O que é esta escola em constante transformação se adequando a cada momento a sua temporalidade. Assim, temos hoje uma escola que reflete as profundas mudanças e avanços nas políticas de inclusão da Universidade brasileira. Passamos, nos últimos 8 anos, de 50 para 220 alunos de cursos superiores regulares. Temos 50% de alunos cotistas. Ampliamos o número de professores de 14, em 2000 - sendo que desses apenas dois tinham doutorado -, para 32, sendo 28 doutores na Escola da Dança. Estamos abrindo novos concursos, principalmente para especialistas em danças afro-brasileiras, dança negra. (Palmas)

Tudo isso é muito importante, mas estamos também avançando principalmente nas referências da ética e do respeito aos direitos do cidadão. Nossa escola tem sido vítima, nos últimos dias, de uma dolorosa exposição nas redes sociais. Isto, contudo, é um fato isolado de inadequada postura autoritária, resquícios de um tempo em que a autoridade se impunha de forma pré-estabelecida. Posso afirmar que a prática de racismo, a intolerância, o homofobismo, o autoritarismo professoral, o machismo são atitudes abomináveis e abominadas pelos professores, alunos e funcionários da Escola de Dança. E, se pelo caldo cultural conservador surge algum comportamento indevido, temos todos os canais potencializados para a repulsa, assim como pedimos e garantimos total acolhimento a quem tenha sentido o sofrimento da humilhação. (Palmas) Ninguém pode ser humilhado nem tem o direito de humilhar o seu semelhante! A Escola de Dança tem obrigação de respeitar cada membro de sua comunidade e garantir a integridade de todos.

Por fim, mais uma vez, agradeço a homenagem em nome da Escola de Dança, mas neste momento me faço plural e digo que nós - todos os professores, todos os alunos e todos os servidores - agradecemos esta homenagem. E para não dizerem que não falei de flores, deste lugar, como mulher e cidadã, em defesa da democracia, repito as palavras de Bibi Ferreira, uma velha extraordinária de 92 anos: “Confio que a presidente representa hoje os valores da democracia e do Estado Democrático de Direito não só no nosso querido Brasil, como no mundo.”

Viva a democracia, e abaixo o golpe! (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelino Galo):- Agradeço as palavras da nossa também comendadora Dulce Aquino, que aqui saudou a nossa outra comendadora Lia

Robatto, muito obrigado.

Antes de encerrar, quero pedir desculpas, pois houve uma dificuldade do cerimonial, algumas pessoas que estavam na mesa não se puderam pronunciar. A Escola de Dança disse que não tem 60 anos, mas tem 12 anos de vida e tem uma importância muito grande na história. Peço desculpas, fica registrado aqui, sem dúvida temos que encerrar por conta do cerimonial e também por causa do horário dos ônibus que transportam a nossa turma.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, das senhoras e dos senhores, das deputadas e deputados, declaro encerrada a presente sessão. E viva a dança!

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.